

## **Literatura, psicanálise e metodologia: a leitura-escuta como possibilidade de transmissão**

*Priscila dos Santos Pereira Cardoso\**

*Breno Ferreira Pena\*\**

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo propor a leitura-escuta como possibilidade de um caminho metodológico para a pesquisa teórica psicanalítica em interlocução com a literatura. Apresentamos as ferramentas de coleta e análise dos dados, e a discussão de resultados. Essa interlocução possibilita o desenvolvimento de uma pesquisa que envolve a estética sem perder seu rigor teórico. Este se debruça em descrever a importância da experiência literária para a experiência psicanalítica. Vale salientar sua potência para alcançar objetivo traçado e, assim, favorecer a transmissão e avanço pela via da palavra ou o que a ela escapa.

**Palavras-chave:** LITERATURA; PSICANÁLISE; METODOLOGIA; TRANSMISSÃO.

### **Literature, psychoanalysis and methodology: reading-listening as a possibility of transmission**

### **ABSTRACT**

This paper aims to propose reading-listening as a possible methodological path for psychoanalytic theoretical research in dialogue with the literature. We present the data collection and analysis tools, and the discussion of results. This interlocution enables the development of a research that involves aesthetics without losing its theoretical rigor. This focuses on describing the importance of the literary experience for the psychoanalytic experience. It is worth emphasizing its power to achieve the set objective and, thus, favoring the transmission and advancement through the word or what escapes it.

**Keywords:** LITERATURE; PSYCHOANALYSIS; METHODOLOGY; TRANSMISSION.

### **Literatura, psicoanálisis y metodología: la lectura-escucha como posibilidad de transmisión**

### **RESUMEN**

Este trabajo tiene el objetivo de proponer la lectura-escucha como posibilidad de camino metodológico para la investigación teórica psicoanalítica en interlocución con la literatura. Presentamos las herramientas de recolección y análisis de los datos, y la discusión de resultados. Esta interlocución posibilita el desarrollo de una investigación que involucra la estética sin perder su rigor teórico. Este se centra en describir la importancia de la experiencia literaria para la experiencia psicoanalítica. Es importante destacar su potencia para el alcance del objetivo planteado y, así, favorecer la transmisión y avance a través de la palabra o lo que se le escapa.

**Palabras clave:** LITERATURA; PSICOANÁLISIS; METODOLOGÍA; TRANSMISIÓN.

---

\* Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: [priscilapereira96@hotmail.com](mailto:priscilapereira96@hotmail.com)

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0004-2395-4090>

\*\* Docente da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Residência Multiprofissional, Complexo Hospitalar UFPA-EBSERH, Unidade João de Barros Barreto.

E-mail: [brenopena@hotmail.com](mailto:brenopena@hotmail.com)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4485-3673>

## Introdução

A interlocução entre literatura, psicanálise e metodologia de pesquisa aponta para várias possibilidades. Requer, porém, um criativo e sensível cuidado quando se trata do que os campos literário e psicanalítico descrevem em seus direcionamentos de estudo, em grande parte, pela via da palavra, mas não só, pois há também o que se apresenta como intransmissível, intraduzível ou inominável. Desse modo, intuímos que essas especificidades marcam o trato com a pesquisa e, a depender das ferramentas envolvidas no caminho metodológico, favorecem o alcance dos objetivos traçados e a apresentação dos resultados pela via da transmissão.

Psicanálise e pesquisa entrelaçam questões epistemológicas e metodológicas importantes para delimitar quais ferramentas são pertinentes para a investigação, a análise dos dados e a transmissão dos resultados, tendo em vista que possibilitam responder a um problema de pesquisa, alcançar o objetivo traçado, envolvidos na relação transferencial do pesquisador/psicanalista com a temática escolhida. A escolha de diálogo com um campo de saber relevante para tal trabalho de investigação, no caso, a literatura, também aponta para uma escolha por transferência, e isso se dá devido à particularidade do objeto, o inconsciente, e o método psicanalítico, o investigativo e interpretativo. Por essa razão, a estética se faz presente, pois reverbera não só a experiência psicanalítica, mas também a relação com a experiência literária.

Desde Freud até a contemporaneidade, é indiscutível a importância da experiência literária para a invenção da psicanálise, bem como para seus avanços com os pós-freudianos. Nessa perspectiva, tal experiência se apresenta como um farol a iluminar as pesquisas em psicanálise, em particular, a experiência literária que afeta o pesquisador quanto ao objeto e o tema de pesquisa em interlocução com o objeto da literatura: o texto e suas vicissitudes, abarcando a estética.

Sobre a pesquisa em psicanálise, com destaque para a pesquisa teórica – pano de fundo para a leitura-escuta – abordamos em particular suas especificidades, suas características, seus objetivos, os principais autores e as ferramentas metodológicas para o trabalho de interlocução com a literatura, discorrendo sobre a coleta e a análise dos dados e caminhando para a discussão e a apresentação dos resultados pela via da construção de um texto/ensaio metapsicológico, favorecido pela leitura-escuta.

Neste trabalho, apresentamos a experiência literária e sua importância para a psicanálise; o método psicanalítico de Freud, nomeado como investigativo, discorrendo sobre a indissociabilidade entre clínica e pesquisa em psicanálise; versamos também sobre a pesquisa teórica em psicanálise e, por fim, a leitura-escuta como possibilidade metodológica de pesquisa, com suas ferramentas para, assim, pensar a transmissão dos resultados e a discussão, preservando seu caráter estético.

### A Experiência Literária como Farol a Iluminar a Pesquisa

*Seja como for, eu não invento a escrita,  
como eles (os escritores) também não a inventarão.  
Eu re-nasço nela e, escrevendo, re-sisto, re-existo,  
na minha forma singular de existência.*

(*Maria Gabriela Llansol*)

A literatura é um campo artístico em que as criações, as produções e as obras são a condição para a existência da palavra. Entre essas criações, estão presentes a língua, a linguagem e a fala, que abordam a diversidade dos temas que envolvem a história, a sociedade, a economia, a cultura, as questões subjetivas e coletivas, e o amor, entre outros, apresentando-

as pela via de seus gêneros, reverberando no despertar de emoções, reflexões e até no que não é possível emergir senão pela experiência com ela, tornando-se, muitas vezes, intraduzível ou inominável, às voltas com a estética.

Diante desses pontos, podemos falar de literatura e experiências, ou seja, a experiência singular com essa arte criativa e suas reverberações na existência humana. Para Llansol (1985), “Não há literatura. Quando se escreve, só importa saber em que real se entra e se há técnica adequada para abrir caminhos outros” (p. 55). Alinhados com a afirmativa dessa escritora, bem como com sua pluralidade como campo criativo e de experiências singulares com a existência humana, apontamos que, em se tratando de literatura e pesquisa, esse leque também se mostra.

Decerto, não há uma única metodologia da qual possamos lançar mão para trabalhar com a literatura no âmbito da pesquisa. Não perderemos de vista, no entanto, que a leitura, a escuta da palavra narrada pela escrita ou pela voz alta, imbricada à estética, é essência neste trabalho.

Sobre este ponto, Celan (2011) afirma:

Aquele que opera com a sonoridade das palavras margeia, dessa forma, um abismo. Aproxima-se da loucura, porque atua nessa ausência de garantia, nesse ateísmo insuspeitado que sempre falta na linguagem comum. Quando considera as palavras em si mesmas, quando trabalha na sua materialidade, o poeta relega a segundo plano sua significação (p. 13).

No intuito de salientar a relação entre experiência literária, pesquisa psicanalítica e metodologia, apoiamo-nos no que Barthes (2015) apresenta como caminho percorrido através do prazer do texto, destacando a experiência literária no ponto em que “O prazer do texto é isto, o valor passado ao grau suntuoso do significante” (p. 77), relacionado com a palavra, a experiência e a estética, bem como com as figurações do narrador. Nessa perspectiva, acompanhamos a passagem de uma escrita a outra, viabilizando uma pesquisa pautada em uma criação singular que reverbera da evocação poética à transmissão.

Cabe ressaltar a importância da palavra para além da escrita e da escritura vocal/verbalizada, apreendendo, aqui, a escrita e a escritura como uma liberdade para o encontro com o momento em que há a experiência literária, situando-a de acordo com a ênfase de Barthes (2020) dada ao devir: “É por derivar de um gesto significativo do escritor que a escrita aflora muito mais sensivelmente do que qualquer outro corte da literatura” (p. 19), afetando aquele que escreve, narra, lê e sente, não sucumbindo as últimas e múltiplas instâncias que a palavra alcança e não alcança.

Seguindo na direção dos apontamentos sobre interlocuções, apresentamos o que Freud nos diz sobre o método psicanalítico, seguido de breve descrição sobre o estudo teórico em psicanálise, a fim de caminhar para a apresentação da relação entre literatura, psicanálise, pesquisa e metodologia, em que a palavra é uma ferramenta importante, mas não só, pois o indizível também se presentifica.

### **Freud e o Método Psicanalítico**

Como inventor da psicanálise, Freud parte da experiência da escuta de suas pacientes históricas para a construção do arcabouço teórico, ou seja, da prática à teoria. Em 1923, no texto *Dois verbetes de enciclopédia*, Freud nos diz que a psicanálise pode ser simultaneamente (1) um procedimento para a investigação de processos mentais inconscientes, inacessíveis a outras formas de pesquisa, (2) um procedimento terapêutico e (3) um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto. Nesse caminho, o autor descreve a particularidade e a singularidade da pesquisa em psicanálise no que tange a seu objeto – o

inconsciente, a destacar tanto na clínica quanto em outros espaços, entre eles, a universidade, o crescimento e a contínua expansão da psicanálise enquanto método clínico e de pesquisa.

Vale ressaltar que com Freud apreendemos a indissociabilidade entre clínica e pesquisa, no que tange ao objetivo de seu método, que segue da escuta até a possibilidade da interpretação, respeitando o caminho de investigação construído a partir da regra fundamental por ele experimentada – a associação livre, em consonância com a atenção flutuante e os efeitos da transferência nesse processo.

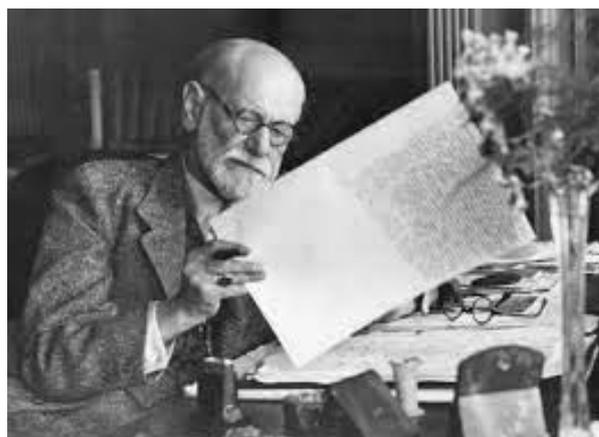
De acordo com Rosa (2004) e seguindo os passos de Freud, o método psicanalítico investigativo se dá pela escuta e interpretação do sujeito do desejo, em que o saber está no sujeito, um saber que ele não sabe que tem e que se produz na relação transferencial. A autora ressalta que o método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, construindo uma metapsicologia não isolada, mas que é fruto da escuta psicanalítica, a qual não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, clínica e pesquisa, o que possibilita a transmissão e o avanço da psicanálise.

Muito se discute quanto à extensão, para além da clínica, do método psicanalítico – a investigação pela escuta e o ato interpretativo, bem como sua manutenção e validade em certa medida como contraponto com a ciência positivista. Cabe ressaltar as especificidades do objeto de estudo da psicanálise – o inconsciente. Dessa forma, a pesquisa orientada pela psicanálise apresenta suas especificidades e sua singularidade apontando para uma não generalização em seus objetivos e resultados. Sobre isso Iribarry (2003) discorre:

[...] a pesquisa psicanalítica marca sua diferença em relação às demais abordagens pelo menos em dois pontos fundamentais: primeiro, porque ela não inclui em seus objetivos a necessidade de uma inferência generalizadora, seja para a amostra ou para a população, pois seus resultados modificam a maneira como os pesquisadores da comunidade psicanalítica irão demarcar sua posição em relação aos novos sentidos produzidos pelo texto que torna a pesquisa pública; segundo, porque suas estratégias de análise de resultados não trabalham com o signo, mas sim com o significante [...] (p. 117).

Na relação analista-analisante, o método psicanalítico visa avançar, em algum ponto, pela via transferencial com o que se dirige ao analista. A relação do pesquisador psicanalista com seu objeto de pesquisa é o que favorece a produção teórica em psicanálise, ou seja, por meio do dispositivo da transferência se faz a clínica e a pesquisa para além de um espaço institucionalizado.

A seguir, como parte do método de pesquisa, versamos sobre a pesquisa teórica em psicanálise, a qual dialogará com o caminho metodológico percorrido pela via das ferramentas da leitura-escuta para pensar a interlocução dos campos literário e psicanalítico com relação à estética e à transmissão dos resultados.



### **Pesquisa Teórica em Psicanálise**

No universo da pesquisa, deparamo-nos com uma gama de possibilidades que abarcam métodos e metodologias. Isso ocorre também quando se trata de pesquisa em psicanálise. Nessa perspectiva, citamos algumas, como a pesquisa teórica, a pesquisa clínica ou a pesquisa de

campo, desenvolvidas a partir de metodologias que reúnem ferramentas favoráveis ao alcance do objetivo traçado. Aqui nos interessa a pesquisa teórica e suas especificidades.

Entre alguns dos autores que discutem a conceituação, as características, os objetivos e as ferramentas da pesquisa teórica em psicanálise, estão Mezan (2002), Demo (2000), Garcia-Roza (1993), Iribarry (2003), Nogueira (2004) e Couto (2010). De acordo com Couto (2010), a pesquisa teórica é a mais utilizada nas monografias, dissertações e teses de psicanálise, em torno da qual há uma vasta discussão.

Mezan (2002) descreve que a pesquisa teórica em psicanálise tem como intuito específico questões metapsicológicas, ou seja, prima pela articulação interna das noções da psicanálise acerca de seu objeto. Isso de certa forma sustenta o que Freud indicara ainda em 1923, quando ressaltou que a psicanálise pode ser um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação sobre seu objeto.

Demo (2000) aponta que a pesquisa teórica se dedica a uma reconstrução da teoria, dos conceitos, das ideias, das ideologias e polêmicas, visando aprimorar os fundamentos teóricos. Já Garcia-Roza (1993) destaca que esse tipo de pesquisa em psicanálise tem como um de seus objetivos a submissão da teoria psicanalítica a uma análise crítica com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos e as condições de suas possibilidades.

Seguindo a linha de orientação do método investigativo psicanalítico, Mezan (2002) nos convoca a refletir que a pesquisa em ciência se refere exclusivamente à tentativa de obter um conhecimento novo e apresentá-lo de modo que possa se incorporar ao já existente, seja como complemento, seja como nova perspectiva, uma vez que a pesquisa acadêmica em psicanálise está sujeita às mesmas regras que qualquer outra disciplina do mesmo gênero. Sendo assim, conclui que pesquisar significa identificar um problema, armá-lo com os instrumentos conceituais adequados, trabalhar com a literatura pertinente e procurar resolvê-lo ou, ao menos, avançar na sua formulação.

Na direção do que salienta Mezan sobre pesquisa em ciência, vale citar o que Iribarry (2003) descreve sobre o pesquisador engajado em um processo de descoberta, de revelação ou de renovação de seu campo, o que diz respeito à implicação do pesquisador frente a determinado objeto de estudo por ele escolhido. Essa implicação e esse engajamento são os principais pontos para tornar possível e transmissível uma pesquisa teórica em psicanálise.

Tavares e Hashimoto (2013) são autores que também ressaltam tal ponto e fazem a analogia da implicação do pesquisador frente a determinado objeto de estudo com sua determinação como sujeito, reverberando na construção de uma análise.

Dos pontos importantes a serem apresentados para a realização de uma pesquisa teórica em psicanálise, Iribarry (2003) nos chama a atenção para o fato de que, inclusive numa pesquisa teórica, há transferência, ou seja, a forma como a leitura sobre determinado tema ou texto toca o pesquisador o fará avançar na investigação, debruçar-se sobre um arcabouço teórico e estético. A relação transferencial do pesquisador/psicanalista com a temática escolhida o levará, portanto, a sistematizar sua investigação, deslocando-o para um lugar de criação. Sobre esse ponto Iribarry (2003) esclarece:

[...] o processo de investigação teórico em psicanálise não se desenvolve somente a partir de leituras rigorosas e ávidas por montar os quebra-cabeças das lacunas do pensamento freudiano, mas também pela intuição disparada no pesquisador ao ter contato com a natureza peculiar da própria Psicanálise, uma vez que esta versa sobre o próprio sujeito e sua própria constituição (p. 127).

Nesse sentido, ocorre um desenvolvimento teórico atravessado pelas experiências do pesquisador que derivam de sua condição enquanto analista ou analisante e estão indissociáveis

de sua posição de sujeito do desejo que o faz avançar, seja em sua análise pessoal, seja em sua função de analista, seja como pesquisador.

Iribarry (2003) ressalta que, enquanto na situação da prática clínica a transferência é dissolvida com a interpretação, na situação de pesquisa psicanalítica a transferência deve ser instrumentalizada, a fim de se tornar um texto metapsicológico.

Seguindo nessa linha de raciocínio, Nogueira (2004) nos diz que a pesquisa teórica em psicanálise “não é só teórica na medida em que a psicanálise não separa a prática da teoria”. Caminhamos, portanto, da implicação do pesquisador em sua produção à instrumentalização de sua transferência para com seu campo de estudo, reverberando como resultado sua criação enquanto sujeito do desejo.

Como possibilidade metodológica para a realização de uma pesquisa teórica psicanalítica em interlocução com a literatura e o campo estético, descreveremos os procedimentos e as ferramentas que podem vir a ser utilizados com a coleta de dados, a análise dos dados, a discussão e apresentação dos resultados, primando pela leitura-escuta como caminho a ser percorrido munindo, assim, o investigador de ferramentas para avançar na criação e na transmissão de seus resultados.

### **Literatura, Psicanálise e Leitura-Escuta: Pesquisa e Estética**

Cabe destacar um ponto de interseção em que a literatura e a psicanálise convergem fortemente: a palavra como ferramenta de trabalho e um limite, interseção em que ambos os campos também se encontram diante da impossibilidade de nomeação e tradução daquilo que chamamos de estética do inconsciente. Nesse contexto, situamos tal convergência como ponto de destaque na obra freudiana e presente nas experiências literárias, reverberando na essencialidade dos laços entre a arte e a criação artística pela via tanto da palavra quanto da experiência humana com sua existência e singularidade.

Diante da potência dessa interlocução, podemos retomar uma certa reinvenção da psicanálise e sua transmissão. Portanto, nessa direção é que concatenamos com Jorge (2022) quando destaca que “Sabe-se o quanto a criação de Freud – a psicanálise – deve à arte” (p. 279), e segue:

São múltiplas as maneiras com que o artista revela seu contato com o inconsciente. Muitos parecem ser mais ou menos cientes disso e falam sobre a questão com maior ou menos fluência. Outros nem tanto. Mas em muitos a recorrência dos jogos de palavras – jogos de significantes ou letras – dá mostras de um saber sobre o inconsciente linguageiro: o *fusc-bulous* de Frida Kahlo; o *ManWoman*, de Rubens Gerchman; o Rose Sélavy e o *L.H.O.O.Q.*, de Marcel Duchamp (p. 280).

Nessa perspectiva, passamos a mostrar que tanto a literatura quanto a psicanálise se destacam por um saber que não se sabe e dialogam com a pesquisa exatamente no ponto em que a criação deriva de onde não se pensa: o inconsciente. Diante disso, Costa e Rinaldi (2007) destacam: “Quando as palavras encontram um limite. Quando quem se atreve a explicar vê-se tomado por um não saber. O mistério é mesmo delicado. Parte do não saber rumo ao imponderável, ao impossível de ser dito” (p. 121).

Com esse beirar o impossível de ser dito, em que a literatura e a psicanálise nos lançam, situamos a leitura-escuta como a possibilidade metodológica que favorece a pesquisa, promovendo sua viabilidade de desenvolvimento e transmissão, em consonância com a expressão que Shoshana Felman cria para destacar a interlocução entre literatura e psicanálise e seus objetos de estudo, importante para essa discussão: a coisa literária, de acordo com Branco (2020):

Expressão construída por Shoshana Felman e extraída do campo da psicanálise, da filosofia e da literatura. Inspirada certamente por Lacan, quando ele nomeia o “*das Ding*” freudiano como a “Coisa freudiana”, a expressão sofre também a inspiração de Heidegger e, ainda, da leitura que Derrida faz da “coisa heideggeriana”, como admite a própria autora. Talvez seja, contudo, em Maurice Blanchot que essa expressão toma uma conotação mais próxima ao que Shoshana Felman pretende nomear, quando Blanchot, em *A literatura e o direito à morte*, associa diretamente o trabalho do escritor à palavra, essa “vida que carrega a morte e nela se mantém” (p. 17).

Ao nos depararmos com o impossível de ser dito e a coisa literária, estamos num lugar de fronteira, como diz Lacan (2009), ao nos lançarmos na experiência de diálogo entre a literatura e a psicanálise. Tal experiência “simboliza que os dois são a mesma coisa, por assim dizer, pelo menos para quem atravessa” (p. 109). Partindo, portanto, dessa experiência, Lacan (1971/2003) cria a palavra “litraterra” para dizer do trançamento entre ambos os campos e suas reverberações no que tange à experiência com a escrita, a letra e o significante.

Na sequência, seguimos com a apresentação das ferramentas metodológicas para a criação do caminho de uma pesquisa em que literatura e psicanálise dialogam.

### **Ferramentas**

Nesta seção, versamos sobre as ferramentas possíveis para a realização de uma pesquisa teórica em psicanálise, tendo como farol a literatura e a estética. Direcionados por Iribarry (2003) e outros autores, discorreremos sobre a coleta de dados a partir da leitura-escuta; a leitura dirigida pela escuta como procedimento de análise dos dados e a transformação dos dados encontrados e analisados em texto, chamado de ensaio metapsicológico, para a discussão e apresentação dos resultados.

### **Coleta dos Dados**

De acordo com Iribarry (2003), a coleta de dados se pode dar a partir de procedimentos, como entrevistas gravadas em áudio ou vídeo, fragmentos ou versões integrais de sessões clínicas transcritas, histórias clínicas, biografias e autobiografias literárias, bem como obras de arte (cinema, pintura, fotografia, escultura, literatura, etc.). Tais procedimentos podem ser empregados em outras modalidades de coleta de dados, por exemplo, em uma leitura-escuta, guiada pela escuta ou atenção flutuante.

Para a coleta de dados, destacamos a ferramenta leitura-escuta de uma obra literária escolhida pelo pesquisador, que, guiado pela escuta ou atenção flutuante do pesquisador psicanalista, poderá obter como dados, fragmentos literários que favoreçam sua investigação e análise acerca da temática por ele escolhida.

Citando Souza (1988, p. 114), Iribarry (2003) nos convida a entender o que é uma leitura-escuta, em seu trabalho intitulado *O que é pesquisa psicanalítica?*:

[...] o saber ler é necessário sob vários pontos de vista para a escuta. Primeiramente, pela particularidade da escuta analítica, que de forma alguma se trata do puro efeito sensorial de ouvir; trata-se efetivamente de leitura-escuta. Pois se, por um lado, a escuta pode situar-se num material sonoro, a leitura diferentemente, dá-se a partir de um texto, de uma escrita, de uma escritura. E se o material sonoro é dado no dito, sob a forma de palavras, de enunciados, a enunciação é uma leitura que busca encontrar o suporte mesmo do falar na relação analítica. Por isso a metáfora da leitura, pois é lendo na escuta que podemos sacar o ponto de um equívoco, de uma suspensão; ou seja, aquilo que desvela a própria enunciação (p. 126-127).

Considerando que a associação livre e a atenção flutuante são ferramentas fundamentais para o trabalho entre analista e analisante na clínica psicanalítica, ressaltamos que o pesquisador psicanalista recorre a essas ferramentas também em suas investigações para além da clínica. Dessa forma, situamos a relação indissociável entre a leitura-escuta – como processo correlato ao da associação livre – bem como a atenção flutuante, em que o inconsciente do pesquisador psicanalista se depara com fragmentos na voz narrativa presente em uma obra literária, para analisar o que dela decorre para além do enunciado no escrito. Nessa perspectiva, situamos o que Freud, desde muito cedo, nos advertiu: a indissociabilidade entre o trabalho na clínica psicanalítica e o do pesquisador psicanalítico.

Assim, utilizando a leitura-escuta de uma obra literária guiada pela atenção flutuante como ferramenta para a coleta de dados, a pesquisa pode avançar para a análise dos dados, no caso, os fragmentos destacados pela via da ferramenta leitura dirigida pela escuta e a transferência instrumentalizada, como veremos a seguir.

### **Análise dos Dados**

Para a análise dos dados, podemos utilizar como ferramenta a leitura dirigida pela escuta e a transferência instrumentalizada. De acordo com Iribarry (2003), é neste momento que o pesquisador psicanalítico instrumentalizará sua transferência ao texto através dos dados coletados com a leitura-escuta.

Paralelamente com a ferramenta da leitura dirigida pela escuta, a transferência instrumentalizada é parte essencial na construção da pesquisa. Sobre a transferência instrumentalizada, Iribarry (2003) discorre:

A transferência instrumentalizada é o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores e relaciona seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que forneceram suas contribuições na forma de dados coletados. [...] o pesquisador situa os significantes de suas expectativas em relação ao tema de pesquisa (p. 129).

Nesse momento de análise dos dados, segundo Fédida (1992), as impressões transferenciais moverão o pesquisador na relação com o texto examinado e os fragmentos escolhidos, procurando estabelecer o que ele chama de uma teoria em gérmen, uma construção de natureza ficcional, que tem o ensaio metapsicológico como objetivo final. Diante dessa questão, cabe ressaltar que as impressões transferenciais do pesquisador resultam do modo como ele lê e interpreta os dados/fragmentos destacados. Vale lembrar que Freud criou a psicanálise a partir do seu interesse sobre sua própria subjetividade, direcionando um trabalho de pesquisa através da escuta de seus pacientes.

Desse modo, o autor da pesquisa psicanalítica recorre à análise dos dados baseada na leitura dirigida pela escuta e pela transferência instrumentalizada. Essa análise não trata de extrair questões objetivas dos fragmentos/dados coletados a partir da leitura-escuta da obra literária escolhida, mas articula possíveis hipóteses e avanços acerca da temática da qual deseja promover uma discussão, incluindo suas implicações subjetivas para, posteriormente, compor o texto/ensaio metapsicológico como discussão e apresentação dos resultados.

## **Apresentação e Discussão dos Resultados**

Guiado pela leitura-escuta, pela atenção flutuante e pela transferência instrumentalizada, o pesquisador prepara o momento da apresentação e discussão dos resultados.

Esse passo, que caminha para a conclusão da pesquisa, se dará a partir do ensaio metapsicológico, ou seja, um texto construído pelo movimento por ele realizado, reverberando de suas implicações subjetivas e objetivas com o tema investigado.

Nessa direção, vale destacar que a compreensão e a explicação da temática investigada são de total responsabilidade do pesquisador/psicanalista. Todo e qualquer termo novo acrescentado ao texto e divulgado pelo ensaio metapsicológico poderá, portanto, alargar o horizonte de tal temática.

De acordo com Iribarry (2003), o ensaio chega ao seu fim, quando se estanca para não prosseguir no que está dizendo, e esse é o momento de uma alteridade anônima verificar sua demonstração. O pesquisador, então, submeterá seu trabalho à avaliação de uma banca composta por avaliadores internos e externos. O autor ressalta ainda que “o ensaio reflete, não contenta, não classifica” (p. 130); logo, tem autonomia estética e desconfia do modelo canônico e positivista de conteúdo.

É importante salientar que no ensaio não há pretensão de objetividade, e nos interessa o conjunto da experiência individual, bem como a reverberação de sua potência de vivência criadora e instauradora de aprendizagem. Dessa forma, o ensaio possibilita uma quebra da continuidade das teorias empiristas elevando às últimas consequências a experiência não conclusiva e não antecipadora de uma ordenação conceitual fixa. O ensaio propõe um rompimento com a tradição cartesiana de impor um percurso de aquisição de conhecimentos que vão dos mais simples aos mais complexos. Sobre esse ponto, Iribarry (2003) destaca:

O ensaio é como a vida: sempre inconclusivo para o seu autor, pois no dia de sua morte, apenas os que ficarem poderão falar do que restou, enquanto o autor jamais poderá extrair uma aprendizagem desta vivência radical e derradeira. Enquanto se vive, se pode ensaiar (p. 131).

### **Potencialidades e Limitações da Proposta Metodológica Apresentada neste Trabalho**

Como em todo campo do saber, os resultados das pesquisas reverberam diretamente do que se desprende de seu método e técnicas para se desenvolver. E com a psicanálise não é diferente. As técnicas e as ferramentas utilizadas nas pesquisas orientadas pela psicanálise não são fixas, a constar o que corresponde ao ensaio metapsicológico apresentado como parte importante na conclusão de uma pesquisa teórica em psicanálise em interlocução com a literatura.

Sendo assim, apresentam em sua maioria uma elasticidade a depender do tipo de pesquisa a ser realizada, o que não invalida seu rigor, sua seriedade e sua ética. Sobre esse ponto, Birman (1994) enfatiza que a psicanálise não se identifica a um exercício virtuoso de uma técnica, que apresenta ampla variabilidade, o que exige sempre uma espécie de partida do zero.

As pesquisas orientadas pela psicanálise em interlocução com outros campos do saber, no caso, a literatura, também se desenvolvem conforme suas potencialidades e limitações. Nessa direção, apontamos o que pode vir a se apresentar quanto a essas questões.

A especificidade do objeto da psicanálise – o inconsciente – aponta uma questão que se coloca como central na pesquisa em psicanálise: a imprevisibilidade do inconsciente e os traços singulares do pesquisador. Coelho e Santos (2012) ressaltam que, por causa de tais questões, não é possível exigir uma completa sistematização do trabalho, da pesquisa.

Iribarry (2003) afirma que a pesquisa psicanalítica “é sempre uma apropriação do autor que, depois de pesquisar o método freudiano, descobre um método seu, filiado a essa vertente e o singulariza na realização de uma pesquisa” (p. 117). Assim, trata-se de uma apropriação do autor a partir de sua relação transferencial com o tema pesquisado.

Para Coelho e Santos (2012), a principal potência da pesquisa psicanalítica é a presença da singularidade do pesquisador que cria, recria e apresenta propostas no caminho do avanço da teoria psicanalítica, porém, descrevem como a principal limitação.

Como seria possível validar ou invalidar as proposições interpretativas no campo do saber psicanalítico? Ou, dito de outra maneira, as hipóteses construídas pela psicanálise são verificáveis? A verdade do discurso do analista é incontestável? O saber psicanalítico seria uma modalidade de discurso teórico que estaria, portanto, situado ao lado das especulações filosóficas e literárias (p. 96).

A partir dos apontamentos destacados, consideramos que a implicação singular do pesquisador, tanto com a temática investigada quanto com sua experiência literária, reverbera da transferência. Dessa forma, favorecendo o desenvolvimento da pesquisa e sua conclusão, não apenas pela via de uma objetividade e respostas fechadas, mas promovendo a manutenção do avanço da teoria psicanalítica em voltas com a experiência literária, com destaque aqui, a estética.

### Considerações Finais

A criação da psicanálise se deu com Freud, sua disponibilidade para autoanálise e a implicação singular com o ato de escutar, por essa razão, aponta o método psicanalítico como investigativo, interpretativo e terapêutico que seguirá em contínua expansão.

Ao considerar que a associação livre, a atenção flutuante e a transferência partem da singularidade do pesquisador/psicanalista para com o tema escolhido e não se separam da experiência com um escrito literário, apostamos nesse encontro como uma possibilidade de transmissão pela via da palavra e do impossível de ser dito, que reverberam de uma experiência limite com os campos de saber escolhidos e a criação de novos significantes.

Diante disso, conclui-se que a experiência de investigar, pesquisar a partir da interlocução entre literatura e psicanálise por meio da leitura-escuta, em que o pesquisador não se retira do processo de análise e interpretação, mas se implica, como sujeito do desejo, reverbera num texto/ensaio metapsicológico que muito tem a oferecer ao avanço da teoria psicanalítica.

Diante do exposto, esperamos que a discussão aqui proposta alcance o objetivo estabelecido: oferecer uma possibilidade metodológica para a pesquisa teórica psicanalítica em interlocução com a literatura, bem como a transmissão de resultados que reverberam do campo estético, seja da ordem da possibilidade de expressão pela via da palavra, seja do não dito.

### Referências

- Barthes, R. (2015). O prazer do texto. (J. Guinsburg, trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.
- Barthes, R. (2020). O grau zero da escrita. (M. M. Barahona, trad.). Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Birman, J. (1994). A direção da pesquisa psicanalítica. Em J. Birman, J. Psicanálise, ciência e cultura. (pp. 13-27). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Castello Branco, L. (Org.). (2020). Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise. Belo Horizonte, MG: Letramento.

Celan, P. (2001). Cristal. São Paulo, SP: Iluminuras.

Coelho, D., & Santos, M. (2012). Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Analytica: Revista de Psicanálise* (São João del-Rei, MG, vol. 1, n. 1, jul./dez.). Recuperado em 05 nov. 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100006).

Costa, A., & Rinaldi, D. (Orgs.). (2007). Escrita e psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Cia. de Freud.

Couto, L. F. (2010). Em F. Kyrillos Neto, & J. Moreira (Orgs.). Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade. Barbacena, MG: EdUEMG.

Demo, P. (2000). Metodologia do conhecimento científico. São Paulo, SP: Atlas.

Fédida, P. (1992). Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica. São Paulo, SP: Escuta.

FREUD, S. (1996) Dois verbetes de enciclopédia: (A) Psicanálise; (B) A teoria da libido. Em S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., vol. XVIII, pp. 253-274). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

Garcia-Roza, L. A. (1993). A pesquisa acadêmica em psicanálise. Em D. Ropa (Org.). Anuário brasileiro de psicanálise. (pp. 118-121). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Iribarry, I. N. (2003, jan./jul.). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Recuperado em 10 nov. 2020 de <https://www.scielo.br/j/agora/a/kMNkRYxpVCBG6NwwVR8Pryd/?lang=pt>.

Jorge, M. A. C. (2022). Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: O laboratório do analista. (Vol. 4). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Lacan, J. (2003). Lituraterra. Em J. Lacan. Outros escritos. (V. Ribeiro, trad., pp. 15-25). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).

Lacan, J. (2009). O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1970-1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1970-1971).

Llansol, M. G. (1985). Um falcão no punho. 2. ed. Lisboa: Relógio D'Água.

Mezan, R. (2019). Interfaces da psicanálise. 2a ed. São Paulo, SP: Blucher.

Nogueira, L. C. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia: USP*. Recuperado em 03 nov. 2020 de <https://www.scielo.br/j/pusp/a/nMGDnFmKgySBkGkdshtfzPg/?lang=pt>.

Rosa, M. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348, set. Recuperado em 10 dez. 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482004000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008).

Tavares, L., & Hashimoto, F. (2013, jul.-dez.). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Geraias: Revista Interinstitucional de Psicologia*. Recuperado em 10 nov. 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202013000200002&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202013000200002&script=sci_abstract).

**Citação/Citation:** Cardoso, P. S. P.; Pena, B. F. (2023). *Literatura, psicanálise e metodologia: a leitura-escuta como possibilidade de transmissão*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 3-14.

**Recebido em: 28/05/2023**  
**Aprovado em: 20/09/2023**